

CLÍTICOS ACUSATIVOS, ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.
ACCUSATIVE CLITICS, PORTUGUESE TEACHING AND LINGUISTIC VARIATION.

Maridelma Laperuta-Martins¹
Luciana Vedovato²
Eduarda Corvelloni Coutinho³

Recebido em: 17/06/2019
Aprovado em: 01/07/2019
Publicado em: 30/07/2019

RESUMO

O objetivo da pesquisa aqui reportada é discutir a respeito dos clíticos acusativos de terceira pessoa do Português Brasileiro (PB) e como/se esse fenômeno gramatical é ensinado numa escola pública. Para a pesquisa, partiu-se da hipótese de que, apesar de a língua estar em constante mudança, o ensino da gramática normativa ainda continua desconsiderando a variação e mudança linguísticas inerentes à língua. A metodologia empregada foi de cunho etnográfico colaborativa, a qual consistiu na observação de aulas regulares e ministração do conteúdo clíticos acusativos, e aplicação de testes de percepção, além da pesquisa bibliográfica: análise comparada entre o constante de gramáticas do Português e do PB. O artigo analisa e discute, de acordo com a Teoria Sociolinguística, as abordagens das gramáticas sobre a variável clítico acusativo de terceira pessoa e como os alunos receberam o conteúdo a respeito desses clíticos por meio das aulas ministradas num período de aproximadamente dois meses. Como resultado, constatou-se que as diferentes abordagens dos clíticos nas gramáticas não são consideradas no ensino de língua portuguesa e os testes de percepção relevaram que os alunos não se identificam com os clíticos acusativos como objeto, ao contrário, o objeto nulo e o pronome reto são seus preferidos.

Palavras-chave: clíticos acusativos; gramáticas; Sociolinguística; educação.

ABSTRACT

The objective of the article reported here is to discuss the third person accusative clitics of Brazilian Portuguese (PB) and how / if this grammatical phenomenon is taught in a public school. For the research, it was hypothesized that, although the language is constantly changing, the teaching of normative grammar still continues to disregard the linguistic variation and change inherent in to language. The methodology used was of collaborative ethnographic nature, which consisted in the observation of regular classes and teaching of accusative clitic content, and the application of perception tests, in addition to the bibliographic research: a comparative analysis between the grammatical constants of Portuguese and of PB. The article analyzes and discusses, according to the Sociolinguistic Theory, the grammars' approaches to the accusative clitic variable and how the students perceived the content about these pronouns through the classes taught in a period of approximately two months. As a result, it was verified that the different approaches of the clitics in the grammars are not considered in the teaching of Portuguese language and the tests of perception showed that the students do not identify with the accusative clitics as object, on the contrary, the null object and the personal pronoun are their preferred.

Keywords: accusative clitics; grammar; Sociolinguistic; education.

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP, CAr; professora do programa de Mestrado em Ensino e do Colegiado do curso de Letras da UNIOESTE, C-Foz. ORCID: 0000-0001-5653-7868. E-mail: chomsky1928@yahoo.com.br.

² Doutora em Linguística pela UFRGS. Docente do Programa de Sociedade Cultura e Fronteiras da Unioeste-Foz e do Curso de Letras da mesma universidade. ORCID: 000-0001-7303-4904. E-mail: lucianavedovato@yahoo.com.br.

³ Graduada em Letras pela UNIOESTE-Campus Foz do Iguaçu. . ORCID: 0000-0003-2946-9665. E-mail: eduarda_corvelloni@hotmail.com

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

INTRODUÇÃO

O texto que aqui se apresenta encontra-se pautado nos fundamentos das pesquisas sociolinguísticas, tanto variacionista, quanto educacional (LABOV, 2008; BORTONI-RICARDO, 2006). Já há tempos, os estudos da linguagem são associados aos fatores sociais, por várias correntes linguísticas. À Sociolinguística cabe, entre outras tarefas, realizar pesquisas e fazer discussões de fenômenos linguísticos, muitas vezes considerados “erros” pela sociedade de falantes de uma língua: i) observando como esses fenômenos são utilizados por determinadas comunidades de falantes (TARALLO, 2012); ii) trazendo à luz as possíveis explicações de ocorrência de tais fenômenos (MOLLICA; BRAGA, 2017) e iii) propondo alternativas para que, na escola, esses fenômenos possam ser estudados visando a combater possíveis preconceitos sobre o seu uso por falantes ou grupos de falantes (LAPERUTA-MARTINS, 2014; ALMEIDA-BARONAS, 2014). Considerando essas colocações, este artigo pretende seguir por dois desses três *modus operandi*, quais sejam: a observação de como o fenômeno dos clíticos acusativos tem se mostrado variável e com indicativos de mudança, numa específica comunidade linguística (uma sala de aula de ensino médio, de uma escola pública) e a proposição de algumas atividades que vão ao encontro de propostas da pedagogia da variação linguística ou pedagogia culturalmente sensível (BORTONI-RICARDO, 2006; CYRANKA, 2016), cujo objetivo é fazer os alunos conhecerem, não como erro, as variantes dos clíticos acusativos.

Tem-se como base teórica a concepção de variação e mudança linguísticas Labov (2008) para a discussão do desaparecimento dos clíticos acusativos de terceira pessoa do PB e a Sociolinguística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2006; BAGNO, 2007; CYRANKA, 2016), para fundamentar a proposta da pedagogia da variação linguística. Partimos da hipótese de que, apesar de a língua estar em constante mudança, o ensino da gramática normativa continua desconsiderando esse acontecimento. A constatação desse ensino puramente gramatical se deu durante a observação de aulas de língua portuguesa numa escola pública.

Como metodologia da pesquisa, utilizou-se Bortoni-Ricardo (2013) com a descrição do paradigma interpretativista, dentro do qual está a pesquisa etnográfica colaborativa, que, segundo a autora, “tem suas raízes na tradição da teoria social crítica [...] e tem por objetivo não apenas descrever [...] mas também promover mudanças no

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

ambiente pesquisado” (BORTONI-RICARDO, 2013, p. 71). Assim, para essa metodologia, são relevantes a interação entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa, bem como a ênfase no processo e não no resultado final. Esse tipo de pesquisa geralmente é sobre “processos educativos, que analisam as relações entre escola, professor, aluno e sociedade, com o intuito de conhecer profundamente os diferentes problemas que sua interação desperta” (GEHARDT; SILVEIRA, 2009, p.41). Sintetizando, foi feita uma pesquisa de cunho etnográfico colaborativa: observação e ministração de aulas sobre o conteúdo clíticos acusativos, de acordo com a abordagem variacionista; aplicação de testes de reconhecimento dos clíticos diversos (das diversas variedades).

Antes da realização da pesquisa na sala de aula, procedeu-se a uma análise comparada sobre o conteúdo *clíticos* nas gramáticas do português (INFANTE, 2003 e BECHARA, 2009) e nas gramáticas do PB (PERINI, 2010 e CASTILHO, 2012).

A Teoria Sociolinguística e o Preconceito Linguístico

A Sociolinguística é uma das áreas da Linguística que estuda a língua em uso. Como bem pontua Mollica (2017), é voltada para investigar e relacionar os aspectos linguísticos e sociais. O cerne da teoria é a variação linguística, a qual “constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes” (MOLLICA, 2017, p. 10). Muitas vezes, essas variantes não são reconhecidas como legítimas da língua e, como consequência, surge o preconceito linguístico e os estereótipos acerca da língua, prejudicando, assim, os falantes que se utilizam de variantes menos prestigiadas.

A teoria da variação linguística abarca também a chamada variação diacrônica. Essa corresponde às mudanças que ocorrem na língua com o passar do tempo. Segundo a Sociolinguística Variacionista, mudanças linguísticas ocorrem de maneiras diferentes em ambiente diferentes. Como pontua Labov (2008):

Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 21)

Sendo assim, a mudança linguística ocorre de acordo com a comunidade em que o sujeito está inserido e que, apesar de se tentar impedir essas mudanças por meio do

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

ensino da gramática normativa, elas continuam a acontecer de forma natural. Possenti (1996) discute essa questão, lembrando que o português veio do Latim, que hoje é considerado uma língua morta, ou seja, o português não foi sempre o português, bem como o Latim não foi sempre o Latim. As línguas são, essencial e permanentemente, mutáveis.

Essa mutabilidade natural das línguas está ligada à educação pela Sociolinguística Educacional. Bortoni-Ricardo (2006), discorrendo sobre as ações dessa vertente da Sociolinguística, elenca seis princípios necessários para o pleno cumprimento de uma “pedagogia culturalmente sensível” e, entre eles, o sexto princípio refere-se ao “processo de conscientização crítica dos professores e alunos quanto à variação e desigualdade social que ela reflete” (p. 133), ou seja, os professores precisam ser conscientes das variedades e buscar estratégias de ensino que despertem essa consciência linguística também nos alunos. Como explicita Bortoni-Ricardo (2004):

A noção de “erro” nada tem de linguística - é um (pseudo) conceito estritamente *sociocultural*, decorrente dos critérios de avaliação (isto é, dos preconceitos) que os cidadãos pertencentes à minoria privilegiada lançam sobre todas as outras classes sociais. Do ponto de vista estritamente linguístico, o erro não existe, o que existe são formas diferentes de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 8)

A variação linguística faz parte da comunidade linguística. Um exemplo é o caso que será estudado neste artigo: os pronomes oblíquos átonos de terceira pessoa. É comum pessoas dizerem frases como: “pegue a caixa e coloque **ela** aqui em cima, por favor”, em vez de “pegue a caixa e coloque-**a** aqui em cima, por favor” e, no geral, enunciados como esse não geram estranhezas para os ouvintes. Mas, há enunciados que geram estranheza para seus ouvintes. São aqueles considerados “erros de português”. “Há ‘erros’ que chocam e ‘erros’ que não chocam mais” (POSSENTI, 1996, p. 43) e isso acontece porque há variedades que já são aceitas e outras que ainda não, pois estão passando por processo de mudança e é a partir desse momento que começa o preconceito linguístico.

Segundo Bagno (2015), o preconceito linguístico “se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna desse nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas e catalogadas nos dicionários” (BAGNO, 2015, p. 64). A partir dessa crença, surgem os julgamentos aos que desviam, de forma radical, seu modo de falar do proposto nos ensinamentos escolares.

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

Essa crença de que se fala errado acontece

quando não se fala como falamos ou como gostaríamos que se falasse. É uma ideia cientificamente problemática, para dizer o mínimo. [...] O que acontece, de fato, é que tal pessoa, na maior parte do tempo, fala exatamente como nós. Mas as características diferentes [...] chamam muito nossa atenção. (POSSENTI, 1996 p. 42)

Os falantes do PB falam de maneira muito parecida, mas com distinções e o problema acontece quando essas diferenças são consideradas erros. Algumas mudanças já são bem aceitas pelos falantes hoje em dia, pois estes já cresceram ouvindo essas variantes. Entretanto, sempre que surgem novas variantes, há uma grande resistência por parte dos falantes e também dos professores às novidades linguísticas. Por conta disso, o preconceito linguístico é muito comum no Brasil e isso se deve a diversos fatores. Um deles é acreditar que a gramática normativa deve nortear a língua falada e que há uma maneira “certa” e uma “errada” de se falar. Não obstante, a realidade é diferente.

Como o nosso ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical literária de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. (BAGNO, 2015, p. 57)

Por conta dessa supervalorização, o ensino da gramática tradicional dentro da escola faz com que o Português seja considerado uma língua difícil mesmo para os falantes brasileiros. Todavia, esse pensamento é muito equivocados, visto que a língua falada por qualquer cidadão é natural para ele, por isso não pode ser considerada difícil. Bagno (2015, p. 58) afirma que “qualquer língua é 'fácil' para quem nasceu e cresceu rodeado por ela”.

Todos os falantes fazem uso da variação linguística, independente do grau de escolaridade e isso se deve a existirem situações que exigem mais ou menos monitoramento. É a chamada variação de estilo. Isso pode ser comparado com a vestimenta. Para cada situação, há uma roupa mais adequada para se utilizar e assim também é a língua. O professor de português, o médico ou o advogado, em seus ambientes de trabalho, devem usar um tipo de linguagem mais formal, com menos gírias, por exemplo. Entretanto, esses mesmos profissionais, em conversas em meio aos familiares e amigos, farão uso de uma linguagem menos monitorada.

No decorrer dos séculos, houve muita mudança na língua portuguesa. Algumas expressões ou regras expressamente ensinadas na escola simplesmente estão desaparecendo do dia a dia dos falantes. Um exemplo disso, no PB, são os clíticos

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

acusativos de terceira pessoa, mais conhecidos como pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa. É muito raro ouvir frases com esses clíticos sendo aplicados de acordo com as regras gramaticais normativas, pois eles vêm sendo substituídos por outro pronome (no caso um pronome reto - que na norma padrão teria apenas a função de sujeito) ou por uma categoria vazia (o chamado objeto nulo):

Eles simplesmente *nunca* aparecem na fala das crianças que ainda não frequentam a escola, nem na fala dos adultos analfabetos ou semianalfabetos. Se as crianças não usam os oblíquos de terceira pessoa, é porque não aprenderam com seus pais e demais familiares a usar esses pronomes [...] mesmo na fala dos brasileiros letrados a ocorrência desses oblíquos é muito rara. (BAGNO, 2009, p. 149)

A relevância de se discutir, em sala de aula, a questão da variação e mudança linguísticas é justamente pela existência do preconceito linguístico. A maneira como a língua é vista e como é ensinada.

Os clíticos acusativos – revisões bibliográficas

Por apresentarem um conteúdo completo a respeito do fenômeno linguístico estudado, foram selecionadas a “Moderna Gramática Portuguesa”, de Evanildo Bechara e “36 lições práticas de gramática”, de Ulisses Infante.

Analisou-se a 37.ª edição de abril de 2009 da “Moderna Gramática Portuguesa”, de Evanildo Bechara. Essa edição é vista como praticamente uma obra nova, comparando-a com as edições anteriores, considerando que o autor busca uma renovação da tradição da gramática. Essa gramática está dividida da seguinte forma: apresenta uma breve história da língua portuguesa, da teoria gramatical. Em seguida, trata da linguagem e das suas dimensões universais, a norma a fala e o tipo linguístico, âmbitos de estudo da gramática. Posteriormente é dividida nos sistemas da língua e na explicação de cada classe gramatical, desde a fonética e fonologia à sintaxe, pontuação, noções de estilística e noções de versificação. O autor divide a seção de morfologia em classes gramaticais e, dentro delas, encontra-se a unidade dos pronomes, classificação de cada tipo de pronome e seus empregos. Nessa unidade dos pronomes, encontram-se os pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo.

Segundo Bechara, “a cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou tônica” (BECHARA, 2009, p.164). Na sequência, apresenta uma tabela dos pronomes:

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

Tabela 1

PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
	Átonos (sem prep.)	Tônicos (c/ prep.)
1. ^a pessoa: <i>eu</i> 2. ^a pessoa: <i>tu</i> 3. ^a pessoa: <i>ele, ela</i>	<i>me</i> <i>te</i> <i>lhe, o, a, se</i>	<i>mim</i> <i>ti</i> <i>ele, ela, si</i>
1. ^a pessoa: <i>nós</i> 2. ^a pessoa: <i>vós</i> 3. ^a pessoa: <i>eles, elas</i>	<i>nos</i> <i>vos</i> <i>lhes, os, as, se</i>	<i>nós</i> <i>vós</i> <i>eles, elas, si</i>

Fonte: (BECHARA, 2009, p.164)

Depois de apresentar alguns exemplos de uso desses pronomes, há uma seção com o título: *Emprego dos Pronomes*, ao que ele explica que “o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento”. (BECHARA, 2009, p. 173)

Em nenhum momento o autor faz menção às variantes que existem no uso real da língua, em relação ao pronome reto *ele* ser utilizado como objeto. Na página 175, apenas esclarece que o pronome *ele* “só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso”.

A gramática de Ulisses Infante - 2^a edição, de 2003 - diferentemente da anterior, é repleta de exercícios. Ao final de cada tópico, há alguns exercícios e no fim de cada capítulo, exercícios de vestibulares com o objetivo de fixar o conteúdo explicado. Trata-se de uma gramática mais objetiva, com uma linguagem mais simples, sem circunlóquios, que expõe os conceitos e na sequência propõe atividades. Nessa gramática, os pronomes pessoais aparecem na “lição” dos pronomes. Cada lição é de um aspecto gramatical, desde fonologia às figuras de linguagem. Não apresenta uma introdução sobre a língua portuguesa ou qualquer teoria linguística mais ampla. Apenas as regras, exemplos e exercícios.

Segundo o autor, “os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, dividindo-se em pronomes do caso reto e do caso oblíquo.” (INFANTE, 2003, p.137). A explicação é a de que os pronomes pessoais retos possuem a função de sujeito ou de predicativo do sujeito nas orações e os oblíquos ocupam funções de complemento verbal ou complemento nominal. Além dessas explanações, a obra apresenta algumas observações acerca dos pronomes oblíquos, como: “os pronomes *o, a, os* e *as* atuam exclusivamente como objetos diretos”. (INFANTE, 2003, p. 138). Também apresenta uma tabela que segue o mesmo modelo da gramática anterior, mostrando os pronomes oblíquos átonos de terceira pessoa: *o(s), a(s), se, lhe(s)*, sem

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

mencionar quaisquer observações quanto ao seu uso (ou não uso). Também nessa gramática, foi possível observar a inflexibilidade das regras nas gramáticas normativas, distantes da língua falada pelos brasileiros.

Já a análise das gramáticas do PB trouxe outras informações. A “Pequena Gramática do Português Brasileiro”, de Ataliba T. de Castilho e Vanda Maria Elias é uma gramática voltada para o português falado no Brasil e apresenta uma nova forma de conhecer as regras da língua. Apresenta muitos exemplos, textos e atividades após cada tópico abordado. Essa gramática parte da premissa de que a língua só existe a partir do seu uso, diferente das gramáticas tradicionais que investem no inverso: para se usar a língua, é necessário conhecer uma norma padrão. É uma gramática prática e operacional e destina-se a professores e alunos. Essa “pequena gramática”, mais didática, foi publicada depois da “Nova Gramática do Português Brasileiro” (CASTILHO, 2010), de um dos autores, em que a teoria da gramática se apresenta de forma mais densa e complexa.

Essa gramática também apresenta, por capítulos, as classes gramaticais. No capítulo três, está a seção dos pronomes e, na subseção pronomes pessoais, encontram-se os pronomes estudados neste artigo. Com relação aos pronomes que estão sendo pesquisados, é possível observar a diferença na descrição: o autor busca apresentar os que estão *em uso* no PB, com um quadro bastante atualizado desses pronomes.

Tabela 2

Pessoa	Português brasileiro formal		Português brasileiro informal	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	complemento
1ª pessoa	<i>eu</i>	<i>Me, mim, comigo</i>	<i>Eu, a gente</i>	<i>Eu, me, mim, Prep + eu, mim</i>
2ª pessoa	<i>Tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>Te, ti, contigo, (Preposição +) o senhor, com a senhora</i>	<i>Você/ ocê, /tu</i>	<i>Você/ocê/cê, te, ti, Preposição + você/ocê (= docê, cocê)</i>
3ª pessoa	<i>Ele, ela</i>	<i>O/a (em desaparecimento), lhe, se, si, consigo</i>	<i>Ele/ei, ela</i>	<i>Ele, ela, lhe, Prep + ele, ela</i>
1ª pessoa	<i>Nós</i>	<i>Nos, conosco,</i>	<i>A gente</i>	<i>A gente, Prep + a gente</i>
2ª pessoa	<i>Vós (de uso muito restrito), os senhores, as senhoras, vocês</i>	<i>(Preposição +) os senhores, as senhoras</i>	<i>Vocês/ocês/cês</i>	<i>Vocês/ocês/cês, Preposição + vocês/ocês</i>
3ª pessoa	<i>Eles, elas</i>	<i>Os/as (em desaparecimento), lhes, se, si, consigo</i>	<i>Eles/eis elas</i>	<i>Eles/eis, elas, Preposição + eles/eis, elas</i>

Fonte: CASTILHO; ELIAS, 2012. p. 87.

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

Como é possível observar no quadro acima, há uma visão completamente diferente da que se tem nas gramáticas normativas. Os autores mostram todas as possibilidades de uso real da língua, não restringindo apenas ao que se considera normativo.

Em especial, no que se refere aos pronomes oblíquos de terceira pessoa, os autores afirmam que esses pronomes (oblíquos de 3ª pessoa) caíram em desuso e estão em desaparecimento: “o pronome complemento *o* (e suas variantes *lo* e *no*) estão desaparecendo, sendo substituídos pela forma única como *ele*.” (CASTILHO, 2012, p. 98): “ainda não vi ele hoje” (CASTILHO, 2010, p.479).

Por fim, verificou-se como se posiciona a respeito deste assunto o autor Mário A. Perini, em sua “Gramática do Português Brasileiro”. Essa gramática foi a primeira gramática do PB publicada no Brasil. Possui textos, não apresenta exercícios e busca representar a realidade linguística do Brasil, da língua falada.

Diferentemente da gramática anterior, o autor apresenta um capítulo separado para os pronomes oblíquos, a regra geral e suas posições na oração. Bastante interessante é o modo como o autor apresenta os pronomes oblíquos: “Os pronomes pessoais oblíquos são um bicho-papão tradicional da gramática do português. No entanto, como veremos, seu posicionamento na oração do PB é bastante simples.” (PERINI, 2010, p. 115). Antes de tecer qualquer explicação acerca desses pronomes, o autor já afirma que a dificuldade é apresentada pela norma-padrão, mas que, na realidade, o seu verdadeiro uso não é difícil. Perini (2010) explica que os pronomes oblíquos são variações dos pronomes pessoais e os apresenta na forma reta: *eu; você/tu; ele/ela; nós; vocês; eles/elas* (já sem o *vós*) e na forma oblíqua: *me/mim/-migo; te/ti/-tigo/lhe; nos/-nosco; se* (este último, para a forma reflexiva)

Ainda mais “ousado” que os autores da gramática anterior, Perini coloca que os pronomes de terceira pessoa não possuem mais suas formas oblíquas, pois são usados em todas as funções (sujeito, objeto), sem mudar suas formas: “Eu chamei ela para ajudar na cozinha; Ela passou no exame da Ordem dos Advogados”. (PERINI, 2010, p. 120)

Pesquisadores como Cyrino (1996) e Duarte (1989) já constatavam, há tempos, que os pronomes oblíquos de terceira pessoa estão em desaparecimento; Perini (2010) e Castilho (2012) já apresentam essa constatação em suas gramáticas, mas nem todas acompanham e trazem essa mudança. Além disso, conforme é possível verificar em

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

LAPERUTA-MARTINS (2014), essas gramáticas do PB que têm trazido o tema da variação linguística ainda são desconhecidas de muitos professores ou ainda não reconhecidas como uma “gramática de verdade”, gramática que pode ser usada para consulta em sala de aula, gramática que pode ser estudada pelos alunos com objetivo de desmistificar a crença de que se fala errado uma língua, apenas por se utilizar uma variedade que não consta da gramática tradicional.

Na sequência, será feita a descrição do que foi a pesquisa etnográfica - as observações de algumas aulas de língua portuguesa e as conduções de algumas aulas nas mesmas turmas, especificamente sobre os clíticos acusativos, mostrando algumas reações dos alunos diante do tema de variação e preconceito linguístico.

Análise etnográfica

As aulas foram observadas em um colégio público, em turmas da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, durante 4 semanas. A maioria das aulas observadas foi sobre conjugação verbal, para os segundos anos, e sobre análise sintática e morfológica para os terceiros anos. Nos segundos anos, o professor preenchia a tabela com os pronomes do caso reto (eu, tu ele, nós, vós e eles) e suas devidas conjugações. Nas atividades, os alunos deveriam seguir o modelo de conjugação de um verbo regular deixado no quadro negro e fazer o mesmo com outros verbos também regulares.

Em conversa informal com o professor, a respeito dos conteúdos dados, ele mencionou que já havia trabalhado sobre pronomes com os alunos, seguindo a mesma metodologia tradicional: “nomenclaturas que podem ser de difícil compreensão, mas que são imprescindíveis para os alunos falarem e escreverem o português corretamente”, compreensão essa que não é compartilhada pela Teoria Sociolinguística. Conforme Bagno (2015):

Já está provado que o ensino da nomenclatura tradicional [...] e a prática da análise morfológica/sintática não contribuem em nada para formar cidadãos capazes de ler e escrever com propriedade, eficiência, criatividade e segurança. (BAGNO, 2015).

O professor deixava sempre bem claro a questão do falar “certo” e “errado”, o que prejudica muito os alunos em sua percepção de língua; parecia não ter consciência (ou tinha?) de que a gramática normativa não é língua (CASTILHO, 2010, p. 42). Trata-se de um dos “dogmas” mais difíceis de ser quebrado em sala de aula, seguindo os preceitos e estudos da Sociolinguística. Segundo Bortoni-Ricardo (2006), o prestígio associado à

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

norma padrão é um valor cultural muito arraigado, de eras coloniais, um pensamento ratificado por vários outros estudiosos da linguagem, como Bagno (2005), Faraco (2008), Faraco (2011), Scherre (2005).

Considerando essa dificuldade e a necessidade de trabalhos que, justamente, visem à tentativa de quebra de um paradigma normativista de língua, foram propostas algumas aulas que versassem sobre variação linguística, preconceito e os clíticos acusativos de terceira pessoa, relacionando essa experiência a algumas pesquisas, como a de Oliveira (2005), que já provaram o desaparecimento desses pronomes em questão. Na pesquisa citada, a autora discorre sobre a distância que existe entre a língua falada e a escrita. O motivo de tal acontecimento “poderia estar no fato de que a modalidade oral está em constante evolução e a escrita, por seu próprio caráter convencional, tende a ser fortemente conservadora” (OLIVEIRA, 2005, p.1), o que foi abordado nas primeiras aulas⁴ sobre a variação linguística, visto que muitos (se não todos os) alunos, apesar de fazer uso dessa variação, não haviam estudado a respeito desse assunto.

Duarte (1989) já há algum tempo afirma que “o português falado no Brasil tende, com frequência cada vez maior, a substituir o clítico acusativo de 3ª pessoa pelo pronome lexical (forma nominativa do pronome em função acusativa), por sintagmas nominais anafóricos [...] ou por uma categoria vazia (objeto nulo)” (DUARTE, 1989, p.19). Oliveira (2007) confirma, em sua pesquisa, que “com a mudança no posicionamento dos clíticos, formas alternativas [...] passaram a substituir o clítico de 3ª pessoa, o que veio a provocar então uma diminuição constante no uso deste clítico” (OLIVEIRA, 2007, p. 8). Exatamente o que foi observado, por meio dos testes de percepção linguística aplicados aos alunos e pela reação dos mesmos diante das discussões sobre o tema nas aulas.

Como combinado previamente com o professor regente, foi realizado um trabalho com a temática da Sociolinguística com os alunos do segundo ano, sem, é claro, preterir a norma padrão. Como coloca Bortoni-Ricardo,

Cabe à escola levar os alunos a se apoderar também das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência comunicativa cada vez mais ampla e diversificada – sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade. (BORTONI-RICARDO, 2004)

4 Vide anexo 1

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

Considerando que os alunos sempre estudam muito a gramática normativa nas escolas, o que gera crenças e preconceitos sobre concepção de língua, um dos objetivos de ministrar aulas a respeito da teoria da variação e mudança foi justamente a tentativa de aplicação do sexto princípio da Sociolinguística Educacional, anteriormente citado (o processo de conscientização crítica): fazer os alunos perceberem a naturalidade das mudanças e diferenças na, tão rica, língua portuguesa, na verdade, PB, mesmo não sendo uma tarefa fácil.

Incluso nesse trabalho, estava uma aplicação de um teste⁵ com os alunos de duas turmas do segundo ano do Ensino Médio sobre os pronomes pessoais e suas mudanças através do tempo, mais especificamente os clíticos acusativos de terceira pessoa. Segundo modelos propostos por Lambert (1960 *apud* CYRANKA, 2007), o teste foi aplicado para verificar se usuários da língua, pertencentes a uma comunidade linguística selecionada, rejeitam ou não as variantes selecionadas. Essa pesquisa envolvia um teste de percepção, com frases contendo os diferentes usos do pronome oblíquo de terceira pessoa. Os alunos deveriam selecionar as colocações que mais se aproximavam de sua fala diária. Havia frases, como por exemplo: *O livro não está aqui, procure ele na biblioteca; O livro não está aqui, procure-o na biblioteca; O livro não está aqui, procure na biblioteca.* Todas as questões envolviam o uso desses pronomes e as alternativas consistiam em uma opção para o uso do *o/a*, o uso do pronome *ele* ou o uso de uma categoria vazia, na função de objeto. Para a análise, dividiram-se as respostas em: alternativa padrão, alternativa não padrão e de esquiva. Foram analisados 30 testes com 23 conjuntos de 3 frases cada, nos quais os alunos deveriam escolher as frases que julgavam estar de acordo com o que falavam normalmente. Constatou-se que foram marcadas 106 alternativas padrão, 421 não padrão e 184 com objeto nulo, ou de esquiva. 90% dos alunos marcaram as opções nulas ou com o pronome pessoal *ele* na função de objeto; assim, apenas 10% selecionaram o pronome oblíquo como resposta, mostrando que o clítico acusativo de terceira pessoa, segundo a percepção dos próprios alunos, não faz mais parte do repertório desse grupo de falantes.

Essa foi a primeira atividade realizada em sala de aula. A partir desse teste, foram preparadas as aulas seguintes, para poder mostrar aos alunos como eles realmente falam e como o ensino de português na escola está distante dessa realidade.

5 Vide anexo 2

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

Considerando tal fato, tornou-se imperativa a colocação de Bortoni-Ricardo (2006, p.15): “Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa”, bem como tentar amenizar os discursos tanto pregados de “certo” e “errado”, pois, como sabemos, a língua é viva e está sujeita a mudanças que não podem ser ignoradas e muito menos podem ter sucesso as tentativas de impedi-las de acontecerem, evidenciando a existência das diferenças linguísticas e que essa mudança não é uma decadência, mas sim um processo natural de todas as línguas.

Desse modo, foi realizado um trabalho explicitando a variação: o que é e quais os seus tipos, abordando o preconceito linguístico. Depois, foram propostas algumas aulas acerca dos pronomes “em desaparecimento”, sempre os relacionando às suas variantes nula e de pronome reto. Pode-se observar as diferentes reações dos alunos, uma vez que faziam perguntas, mostravam interesse, queriam saber mais sobre a necessidade de aprender algo que não é usado na prática, concordando com as colocações; mas também de outros que se mostravam céticos ou ainda que questionavam o fato de se propor uma discussão como essa numa escola (“lugar de aprender o que é certo”).

É preciso lembrar que as desinformações acerca da variação linguística, como a ideia de que não há regras, ou “cada pessoa pode escolher inventar novas maneiras de falar”, o famoso “está tudo liberado”, apareceram durante as aulas. Por isso, buscou-se mostrar para os alunos que existem, sim, regras que norteiam essas variações e mudanças linguísticas. Para isso, observou-se Weinreich; Labov; Herzog (2006, p. 13), que explicitam que “a mudança estrutural não afeta a estruturalidade da língua, isto é, a língua continua estruturada enquanto vão ocorrendo as mudanças.” Não são apenas situações aleatórias. Um exemplo usado foi a variação de número nos sintagmas nominais, em que a marca de plural ocorre sempre no primeiro elemento do sintagma (*as meninas; as menina* e não **a meninas*).

Numa das aulas, foi utilizada a crônica *Papos*, de Luis Fernando Veríssimo e o poema *Pronominais*, de Oswald de Andrade, que abordam as “confusões” na fala envolvendo esses pronomes e, a partir desses textos, foi discutida a diversidade da cultura brasileira e como a sua variedade linguística também deve ser valorizada, sem ser vista simplistamente como “certa” ou “errada” e ainda como esses autores renomados já escreviam sobre isso há tanto tempo. Foram produzidas atividades que fizeram os alunos

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

pensarem em como tem sido raro o uso dos clíticos nas suas falas cotidianas, sempre por meio de um diálogo entre professora/alunos (LAPERUTA-MARTINS, 2014).

Também foi proposta uma atividade, cujo objetivo era fazer com que os alunos percebessem as diferenças na abordagem, sobre os pronomes objetos, em dois tipos de gramática (uma gramática tradicional e outra gramática descritiva). Foram separados em grupos, nos quais eles observavam se havia nas gramáticas as definições desses pronomes, seus usos e também se mostravam se havia ou não variação. Apesar das dificuldades de os alunos manusearem esses compêndios, por estarem mais habituados a trabalharem com livros didáticos e não com gramáticas, foi possível perceber um maior interesse pelo conteúdo linguístico.

Sendo assim, pode-se notar com essa experiência que, nas palavras de Possenti (1996, p. 41): “haveria muitas vantagens no ensino do português se a escola propusesse como padrão ideal de língua a ser atingido pelos alunos a escrita dos jornais ou dos textos científicos, ao invés de ter como modelo a literatura antiga.”

Diante das observações e das experiências vivenciadas em sala de aula, fica clara a necessidade de um trabalho de reeducação sociolinguística nas escolas e cabe ao professor de português realizá-lo. Para isso, o professor deve:

valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãs conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem. (BAGNO, 2015, p. 175)

Os nossos alunos já sabem o português. Na escola é preciso que eles desenvolvam esse saber, por meio do conhecimento das diversidades linguísticas para ampliar o repertório sócio comunicativo, por meio do letramento, leitura e escrita. E é imprescindível que a análise linguística considere a variação para seu estudo. A tendência com essa postura é que haja uma valorização da diversidade linguística que existe no Brasil e que se atenuem a discriminação e o preconceito com as variantes menos valorizadas.

Considerações Finais

O ensino do português nas escolas deve ser pautado nos preceitos da Sociolinguística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2006) para que não se prejudique a fala espontânea do indivíduo, sempre pensando na importância da linguagem para o

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

cidadão e para a sociedade que ele representa. Os alunos precisam ter a consciência de que existem mais maneiras de se dizer a mesma coisa e que a gramática normativa não deve ser tomada como base única para os estudos sobre a língua portuguesa.

Neste trabalho, buscou-se apresentar que trabalhar com as categorias gramaticais (no caso, os pronomes clíticos) de forma contextualizada, não exigindo dos alunos que apenas decorem regras (ou que apenas conheçam a norma padrão e pratiquem atividades metalinguísticas), não ignorando a variação linguística, leva-os a refletirem sobre a língua, sobre a realidade linguístico-gramatical do português e sobre sua competência linguística.

Foi possível constatar, relacionando essa experiência a algumas pesquisas, como a de Oliveira (2005), que já provaram o desaparecimento desses pronomes em questão, que o pronome oblíquo átono de terceira pessoa está em pleno desaparecimento da oralidade e da percepção dos falantes, que não os utilizam mais em suas falas menos monitoradas. Os testes de percepção aplicados nos alunos corroboram com essa afirmação, pois, como foi apresentado no corpo do texto, a maioria (90%) dos alunos selecionaram frases em que não há a presença dos pronomes *a, o, as, os*, mas sim com o pronome pessoal *e/e/ela* na função de objeto ou, ainda, frases com pronome nulo.

Por isso, percebemos que há a necessidade de um ensino pautado nos estudos sociolinguísticos, para que os alunos possam ser educados de forma consciente sobre a língua portuguesa, tendo o conhecimento das diversas variantes, sejam de prestígio, ou não. Só assim será possível a diminuição do preconceito linguístico e das crenças que ele envolve, bem como o aumento do respeito e a valorização de todas as variedades linguísticas.

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA-BARONAS, Joyce Elaine. Variação linguística na escola: resultados de um projeto. In: **Revista da ABRALIN**, v.13, n.1, p. 39-62, jan./jun. 2014.

BAGNO, M. **A norma oculta** – língua e poder na sociedade brasileira. SP: Parábola, 2005.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Preconceito Linguístico**. 56ªed. São Paulo: Parábola, 2015.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. **O professor pesquisador** – introdução à pesquisa qualitativa. SP: Parábola, 2013.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, V. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. SP: Contexto, 2010.

CYRANKA, Lucia Furtado Marcondes. *Atitudes lingüísticas de alunos de escolas publicas de Juiz de Fora-MG*. 2007. – **Tese** – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

CYRANKA, Lucia Furtado Marcondes. *Sociolinguística aplicada à educação*. In: MOLLICA, M. C. e FERRAREZI, Jr, C. **Sociolinguística, sociolinguísticas** – uma introdução. S.P.: Contexto, 2016

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. *Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil*: objeto nulo e clíticos. In: Kato, M. A.; Roberts, I. **Português brasileiro** – uma viagem diacrônica. (orgs). 2ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. In: TARALLO, Fernando. **Fotografias sociolinguísticas**. São Paulo: Pontes, 1989.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira** – desatando alguns nós. SP: Parábola, 2008.

_____. **O Brasil entre a norma culta e a norma curta**. In: BAGNO, M.; LAGARES, X. (orgs) *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. SP: Parábola, 2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org) **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

INFANTE, Ulisses. **36 Lições práticas de gramática**. São Paulo: Scipione, 2003.

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. (trad) Bagno, Scherre, Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAPERUTA-MARTINS, Maridelma. *A sociolinguística e o ensino de língua portuguesa – uma proposta para um ensino aprendizagem livre de preconceitos*. 2014 – **Tese** – Universidade Estadual Paulista- Júlio de Mesquita Filho. Araraquara-SP.

MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4ªed. São Paulo: Contexto, 2017.

OLIVEIRA, Marilza de. **Ensino da língua portuguesa: os clíticos acusativos**, 2005 [pdf]. Disponível em: www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maril013. Acesso em 10 de abril de 2018.

OLIVEIRA, Solange Mendes. *Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares*.

Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

PERINI, Mario A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**. SP: Parábola, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8ª. ed. S.P.: Ática, 2012

WEINREICH, Uriel, HERZOG, Marvin, LABOV, William. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. (trad) Bagno – São Paulo: Parábola, 2006.

Como citar este artigo (ABNT)

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C. CLÍTICOS ACUSATIVOS, ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA. *Revista Iniciação & Formação Docente*, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

MARTINS, M. L. & VEDOVATO, L. & COUTINHO, E. C. (2019). CLÍTICOS ACUSATIVOS, ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA. *Revista Iniciação & Formação Docente*, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

ANEXO 1 - Plano de aula

Colégio Estadual VVVVVVV - Disciplina: Língua Portuguesa - Professor: XXXXXXX - Professora estagiária: YYYYYYY - Professora orientadora: ZZZZZZ - Turma: 2ºB - Data: 12/06/2017

PLANO DE AULA 2 e 3

1) **Conteúdo:** Preconceito linguístico

Duração: Duas aulas de 50 minutos cada.

2) **Objetivos:** Ao final da aula, meu aluno será capaz de:

- i) Saber o que é preconceito linguístico;
- ii) Saber a diferença de língua falada e escrita;
- iii) Conhecer alguns pressupostos da teoria da variação linguística

3) **Clima e Confiança:**

- Começar a primeira aula colocando no quadro algumas palavras decorrentes na fala da maioria das pessoas, mas condenadas pela gramática normativa, e perguntar o que eles acham de usá-las no dia a dia ou de escreve-las. Se está errado e o porquê de eles pensarem assim.

4) **Atividades:**

Atividades	Procedimento	Recursos
Teste de percepção	A professora entregará um teste de percepção aos alunos com frases nas quais o clítico acusativo de terceira pessoa é aplicado de diversas formas, para os alunos assinalarem qual eles mais utilizam em suas falas.	Texto fotocopiado
Introdução à variação linguística	Depois de a professora recolher os testes, iniciará escrevendo no quadro negro alguns tópicos acerca da variação linguística e do preconceito linguístico.	Quadro negro e giz
Gramática	Em seguida, a professora explicará a diferença da fala e da escrita, esclarecerá que a gramática não rege a nossa fala e a existência de vários tipos de gramática.	Quadro negro e giz
Leitura	A professora entregará uma cópia do poema <i>Pronominais</i> , de Oswald de Andrade e realizará a leitura.	Texto fotocopiado
Atividade oral	De forma oral, a professora discutirá com os alunos o que o poema em questão critica.	Texto fotocopiado
Gramática	Iniciar com os pronomes oblíquos átonos e os pronomes retos, quais seriam as suas funções de acordo com a gramática normativa. Fazendo uma pequena tabela comparativa no quadro negro.	Quadro negro e giz

5) **Fechamento:**

Deixar como tarefa para os alunos que eles procurem na biblioteca do colégio se há gramáticas e quais são elas. Lembrar os alunos que na aula seguinte haverá exercícios sobre os pronomes estudados em sala e será visto os reais usos desses pronomes.

6) **Referências:**

Textos: i) Pronominais – Oswald de Andrade

7) **Avaliação:** Compreensão do que é preconceito linguístico e a existência de variantes no português brasileiro e a participação na aula.

8) **Anexo – Poemas**

MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

Pronominais (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro

Mas o bom negro e o bom branco

Me dá um cigarro

Diz a gramática

Da Nação Brasileira

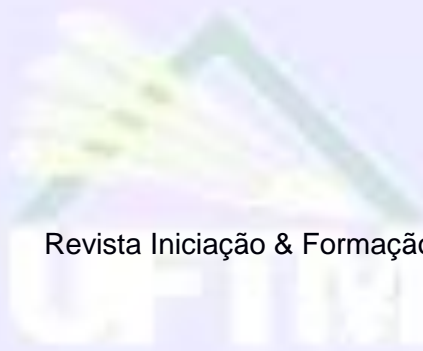
Do professor e do aluno

Dizem todos os dias

E do mulato sabido

Deixa disso camarada

INICIAÇÃO
&
FORMAÇÃO
DOCENTE



MARTINS, M. L.; VEDOVATO, L.; COUTINHO, E. C.

ANEXO 2 - Teste de Percepção

1. Qual seu sexo?

Masculino () Feminino ()

2. Qual sua idade?

Menor que 18 () Entre 18 e 22 () Entre 22 e 30 () Maior que 30 ()

3. Qual a renda mensal de sua família?

Sem renda () Até 01 salário mínimo () De 2 a 5 salários mínimos () Acima de 05 salários mínimos ()

4. Você considera o português uma língua difícil?

() SIM () NÃO

5. Acha que precisa dominar a gramática para falar bem e corretamente?

() Sim () Não

6. Já ouviu falar em variação linguística e preconceito linguístico?

() Sim () Não

7. Já ouviu falar que existem vários tipos de gramática?

() Sim () Não

8. Assinale com um X, as frases que você julga que estejam de acordo com o que você fala, normalmente.

Os alunos viram o professor na manifestação. ()

Os alunos viram-no na manifestação. ()

Os alunos viram ele na manifestação. ()

Empreste-me a borracha, por favor. ()

Me empresta a borracha?()

Empresta a borracha? ()

O livro não está aqui, procure ele na biblioteca. ()

O livro não está aqui, procure-o na biblioteca.. ()

O livro não está aqui, procure na biblioteca.()

Recebi a mensagem, te respondo amanhã. ()

Recebi a mensagem, responder-te-ei amanhã.()

Recebi a mensagem, respondo amanhã. ()

Pegue a bolsa, ou coloque-a na cama. ()

Pegue a bolsa, ou coloque ela na cama. ()

Pegue a bolsa, ou coloque na cama. ()

Era para eu fazer o trabalho sozinha, mas ele me ajudou.()

Era pra mim fazer o trabalho sozinha, mas ele me ajudou. ()

Você viu a minha mãe hoje?

-Hoje não, eu a vi ontem. ()

-Hoje não, eu vi ela ontem. ()

-Hoje não, eu vi ontem. ()

Está muito escuro aqui, não consigo vê-lo. ()

Está muito escuro aqui, não consigo ver ele. ()

Está muito escuro aqui, não consigo ver. ()

Na festa era ela que puxava ele para dançar. ()

Na festa era ela que o puxava para dançar. ()

Quando meu cachorro fica bravo tenho que colocar ele pra fora. ()

Quando meu cachorro fica bravo tenho que colocá-lo para fora. ()

Quando meu cachorro fica bravo tenho que colocar pra fora. ()

Eu amo minha mãe e vou fazer ela feliz. ()

Eu amo minha mãe e vou fazê-la feliz. ()

Eu amo minha mãe e a farei feliz. ()

Coitada da menina! Deixe-a em paz! ()

Coitada da menina! Deixa ela em paz! ()